

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Resenha

Book's Review

PARAG KHANNA. How to run the world. Random House, 2011.

KHANNA, Parag. Como governar o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. Tradução de Berilo Vargas.

Por Edu Silvestre de Albuquerque¹

Para quem desfrutou do livro anterior de Parag Khanna, *The Second World* (*O segundo mundo: impérios e influência na nova ordem global*, Editora Intrínseca, 2008), marcado por um acentuado tom realista, pode parecer que sua nova obra representa uma guinada e tanto em favor de um recorte mais idealista das relações internacionais. Com efeito, consultor de política externa de Barack Obama em 2007 e assessor geopolítico senior das Forças de Operações Especiais dos Estados Unidos, no Iraque e no Afeganistão, na obra anterior Khanna havia tratado da retomada do Grande Jogo pelo acesso às matérias-primas e mercados das regiões estratégicas da Europa Oriental, da Ásia Central, da América Latina, do Oriente Médio e do Leste Asiático, disputados avidamente pelos Impérios globais dos Estados Unidos, da União Europeia e da China. É verdade que essas interações complexas da geopolítica do século XXI foram melhor explicitadas por esse autor indo-americano quando da análise da Ásia Central, cuja arquitetura da infraestrutura para a exploração e transporte do petróleo do Mar Cáspio é cuidadosamente planejada pela reemergente Rússia,

¹ Doutor em Geografia pela UFSC, Professor Adjunto do Departamento de Geografia da UFRN e colaborador do Programa de Mestrado em Gestão do Território da UEPG. E-mail: edusilvestrealbuquerque@bol.com.br
Recebido para publicação em 01/07/2011. Aprovado para publicação em 03/07/2012.

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

pela ascendente China e pelas nunca satisfeitas empresas europeias e norte-americanas. Para Khanna, na situação de equilíbrio nuclear entre as superpotências atuais, a disputa torna-se fundamentalmente pela liderança no desenvolvimento tecnológico e no controle de mercados; e mesmo algumas nações do segundo mundo - aqueles não tão ricos quanto o primeiro mundo e não tão pobres quanto o terceiro mundo - podem explorar sua condição estratégica nesse processo, uma vez que *“no mercado geopolítico, os países consumidores escolhem a superpotência que será sua protetora; alguns escolhem mais de uma”* (KHANNA, 2011, p. 18).

De lá para cá, isto é, de uma obra a outra, o que aconteceu foi que os democratas voltaram ao poder na América, projetando a reversão do recuo do “poder militar, fiscal e moral” estadunidense pela via do *soft power*. A histórica linha isolacionista dos democratas desaparece, ao mesmo tempo em que esse grupo procura justificar a continuidade das ações intervencionistas dos governos republicanos anteriores pelo convencimento dos aliados europeus num maior engajamento nas questões de segurança internacional (as operações militares contra o regime líbio, em 2011, repassadas para a OTAN, são paradigmáticas desse novo momento). Assim, em *Como governar o mundo*, Khanna não apresenta apenas uma descrição das ações norte-americanas e europeias no mundo atual, mas traz uma proposta de governança global por meio de parcerias público-privadas - justamente o campo de *expertise* ocidental - e de acordos de segurança regional. Aliás, o próprio Khanna é atualmente diretor da Iniciativa de Governança Global na Fundação New America.

Para dar conta de um mundo cada vez mais supostamente parecido com a Idade Média, fragmentado entre os interesses de superpotências e potências emergentes, corporações multinacionais, famílias poderosas, grupos humanistas,

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

extremistas religiosos, universidades e mercenários, o autor insiste no caminho da megadiplomacia, que define pela fusão de recursos públicos e privados, que poderia unir o que cada um tem de melhor: a capacidade regulamentadora do Estado e a flexibilidade das sociedades corporativas e do voluntarismo social: *“Tecnologia e dinheiro, e não soberania, determinam que tem autoridade e dá as ordens”*, afirma Khanna (2011, p. 13-14).

Embora reconheça que *“assim como não existe país algum que sozinho possa governar o mundo, também não há instituição alguma que seja capaz de fazê-lo”* (KHANNA, 2011, p. 17), desfere sua crítica ácida tão somente contra os diplomatas do Estado, que *“gastam tempo demais em reuniões com seus pares”* e parecem incapazes de ampliar suas esferas de contato visando a superação de problemas globais e locais concretos. Por certo, o autor faz questão de omitir os *“Telegramas das Embaixadas Norte-Americanas”*, conjunto de documentos secretos divulgados pelo WikiLeaks, site dirigido pelo australiano Julian Assange, e que demonstram o trânsito social e político, a promoção dos interesses comerciais e a prática da espionagem dos diplomatas norte-americanos espalhados pelo mundo (*WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado*, Editora Verus, 2011).

A crítica idealista da falta de um contrato social internacional como fonte dos problemas do mundo e das guerras aparece hoje justamente no modelo de governança global que pede maior participação das forças de mercado. A promoção desse modelo se vale do questionamento do exclusivismo do modelo interestatal pelos novos atores internacionais representados pelas empresas globais e organizações não-governamentais. Nesse sentido, o autor propõe um entendimento mais amplo da noção de diplomacia, construída *“de cima para baixo”* pelo paradigma das parcerias público-privadas: *“Das empresas petrolíferas*

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

às câmaras de comércio e aos ativistas ambientais, as corporações, organizações cívicas, universidades, Igrejas, grupos de jovens e instituições de caridade dos Estados Unidos já têm sua própria política externa” (KHANNA, 2011, p. 51).

Para justificar seu argumento central, Khanna recorre aos exemplos históricos da democracia ateniense e do Renascimento Europeu (patrocinado pela rica família florentina dos Médici), onde a governança era estabelecida por *“um robusto sistema de intercâmbio comercial e político”*. Não por acaso, seu livro apresenta o ambicioso subtítulo de *“Os caminhos para o novo Renascimento”*.

O primeiro pressuposto questionável de Khanna surge quando afirma que os Estados Unidos já não controlam a globalização, quando a empiria aponta que aquele país ainda detêm o controle da moeda mundial e da organização da própria defesa de atores importantes como a União Europeia. O segundo pressuposto assumido é de que dois terços da economia global são gerados por apenas quarenta cidades-regiões, que travarão cada vez mais relações e alianças exclusivistas entre si, mas que indica uma visão limitada de espaço produtivo pelo autor... Como salientava constantemente o geógrafo Milton Santos, o espaço de produção envolve além do espaço produtivo propriamente dito, também os espaços de circulação e de consumo, onde a ação organizadora é ainda desempenhada fundamentalmente pelo Estado territorial. Com efeito, as grandes corporações privadas não estão interessadas nas taxas de retorno de investimentos em grandes obras de infraestrutura, e ainda menos na distribuição de renda, assim como as cidades-globais são arranjos políticos limitados para organizar o território em escala maior que a regional.

No pós-guerra, o temor da expansão das ideias comunistas estimulou a estruturação do Estado do Bem-Estar, ao mesmo tempo em que as crises

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

econômicas capitalistas aperfeiçoavam as funções de planejamento do Estado, mas Khanna reconhece a evolução histórica apenas no livre-mercado. A conscientização social e política, por certo, não ocorre da noite para o dia, mas certamente a redução das assimetrias internacionais não será alcançada justamente pelas mãos de seus principais promotores da esfera das grandes corporações privadas do primeiro mundo.

O idealismo de Khanna ainda aparece no enaltecimento da ação das ONGs de todos os tipos, omitindo seus objetivos fragmentados e representatividade limitada. Na Revista de Geopolítica foram recentemente publicados artigos demonstrando a vinculação da política ambiental brasileira no Acre aos interesses de fóruns e ONGs estrangeiras, e a escassez de resultados concretos apesar do consumo luxuoso de seus funcionários nas ONGs que atuam no lusófono Moçambique. Com efeito, criticamos mais facilmente os erros do Estado que a falta de competência e a falcatrua de um grande número de ONGs.

A parceria público-privada tem sua função política sim, mas essa insere-se na mais pura razão realista, onde cada Estado com aspirações geopolíticas deve esforçar-se por construir suas próprias redes para superar o quadro de dependência estrutural. Em última instância, as soluções para os problemas globais continuam dependendo fundamentalmente desses atores, como na operação de assassinato de Bin Laden por mais uma ação unilateral dos Estados Unidos ou na produção do fracasso dos acordos contra as mudanças climáticas justamente em decorrência da falta de interesse das potências centrais cujos parques industriais se assentam na matriz carvão-petróleo.

Não se pode esquecer que o governo brasileiro alcançou com a quebra de patentes das farmacêuticas multinacionais (a lei dos genéricos) e o

Ano IX	Volume IX	Nº 17	Julho/Dezembro 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

desenvolvimento de tecnologias agrícolas para as condições tropicais extraordinárias respostas às crises de saúde pública e alimentar. Ao invés de explorar esses exemplos, Khanna prefere o caminho da apologia das ações ditas filantrópicas das fundações criadas por Bill Gates, Clinton e Soros.

O próximo Renascimento anunciado por Khanna envolverá famílias ricas e poderosas que desenvolvem a filantropia e as redes sociais de ativistas e de ONGs de diversas matizes. O modelo enaltecido é da União Europeia, e a segurança internacional deveria, na opinião do autor, partir desse exemplo de constituição de organizações regionais. Em outras palavras, a segurança regional seria a base para um novo contrato social global, algo de resto já semeado nas reuniões da Unasul e da Organização de Cooperação de Xangai.

Apesar das diversas armadilhas ideológicas que podem pegar os desavisados, a obra traz importantes informações sobre diversas parcerias público-privadas em curso pelo mundo, e ainda apresenta um repertório instigante de dicas que deveriam ser seguidas pelos corpos diplomáticos das pátrias. Mas talvez tenha exagerado tanto na ênfase do polo privado quanto no menosprezo do polo público.